

ESPECIAL | A nova onda africana

21/12/2021

Reportagem

Em 2021, alguns dos principais prêmios literários foram vencidos por autores africanos — uma grande coincidência ou mudança de paradigma?

Luiz Rebinski

O mundo literário parece ter (re) “descoberto” o continente africano. Alguns dos mais relevantes prêmios literários foram para autores nascidos na África. No começo de outubro, o Prêmio Nobel pegou mais uma vez o mundo de surpresa ao anunciar que a honraria iria para Abdulrazak Gurnah, autor nascido na Tanzânia, mas que vive há décadas na Inglaterra — ele deixou para trás eternos favoritos como o japonês Haruki Murakami e a canadense Margaret Atwood.

Na sequência, a moçambicana Paulina Chiziane, que traz em sua literatura a força da história oral de seu povo, venceu o Prêmio Camões, a maior honraria da literatura de língua portuguesa. Por fim, o Reino Unido e a França também se renderam a autores africanos: o Booker Prize foi dado a Damon Galgut, da África do Sul, e o Goucourt a Mohamed Mbougar Sarr, do Senegal.

Mas esse é só mais um indicativo de que autores africanos (ou descendentes) têm ganhado os holofotes do mundo literário depois de décadas à margem do *mainstream*. Nos Estados Unidos, Colson Whitehead venceu recentemente duas vezes o prêmio Pulitzer de ficção, por *The Underground Railroad: Caminhos para a Liberdade* (2017) e *O Reformatório Nickel* (2020), ambos publicados no Brasil pela HarperCollins.

A nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie arrebatou a crítica anos atrás com o romance *Americanah* e desde então virou um dos nomes mais badalados não só nos EUA, mas em diversos outros países, como o Brasil — ela participou em 2020 do Roda Viva, tamanha sua popularidade no país.

Diáspora

“A literatura negra diaspórica e africana se tornou uma das maiores potências literárias do século XXI”, diz Paulo Werneck, editor da revista sobre livros *Quatro Cinco Um*. “Sempre foi uma literatura poderosa, mas há uma ou duas décadas entrou no radar de editores, agentes literários, tradutores, críticos, jornalistas e por fim dos leitores de todo o mundo.”

As obras dos vencedores citados acima falam, sem exceção, de questões ligadas à história do povo negro, seja com o *apartheid* como pano de fundo para *The Promise*, de Damon Galgut, ou por meio de temas caros aos africanos colonizados por portugueses, como é o caso de *O Alegre Canto da Perdiz*, romance de Paulina Chiziane em que a protagonista se vê dividida entre suas raízes africanas e a influência europeia.

“Penso também que existe um fluxo de escritores africanos que migraram para a Europa e para os Estados Unidos nas últimas décadas. Isso muda certas dinâmicas de legitimação do texto literário, autoriza outras ‘inscrições’”, explica o escritor Vagner Amaro, que atua como editor da Malê, pioneira na publicação de autores negros no Brasil. “Junto com a intensificação dos movimentos antirracistas em 2020, criam uma ambiência de amadurecimento intelectual sobre o quanto as instituições legitimavam majoritariamente escritores brancos e o quanto isso era fruto do racismo”, completa.

O gaúcho Paulo Scott movimentou o debate sobre racismo no Brasil com um livro impactante, *Marrom e Amarelo*, lançado há dois anos. Para além da discriminação que se conhece, o romance colocou em pauta outra questão racial, essa menos debatida: o colorismo, uma espécie de hierarquia no racismo, conforme o tom da pele negra. Quanto mais retinta a pessoa, maior é o racismo.

Para Scott, esse bom momento vivido por autores negros mundo afora “é parte do esgotamento de um ciclo, de uma lente chanceladora que foi se tornando opaca, incapaz de reter a circulação de histórias, perspectivas e reflexões que a internet e a sua horizontalização do mundo possibilitaram, no plano do mercado e no plano da linguagem criativa”.

Novos caminhos

No entanto, antes de Abdulrazak Gurnah vencer o Nobel, o prêmio não era

entregue a um autor africano negro há mais de 35 anos, quando o nigeriano Wole Soyinka venceu em 1986. Soyinka, considerado um dos maiores dramaturgos da África, é uma espécie de pioneiro, que pavimentou a estrada para que os autores negros de hoje possam mostrar seus trabalhos sem tantas amarras e menos preconceito.

“Houve uma geração anterior a esses autores que abriu caminhos, enfrentou o preconceito no mercado, na mídia e nos leitores até se afirmar”, diz Paulo Werneck. E a chave para entender essas mudanças também passa pela troca de geração em postos-chave do mercado editorial, das premiações e até mesmo do jornalismo.

“Meu editor inglês, Stefan Tobler, é um belo exemplo dessa alteração de paradigma”, diz Paulo Scott. “Ele é parte dessa nova geração que percebe a urgência e a necessidade de troca da maneira como se enxerga e se dialoga com o outro. Escolhas como as dele, inevitavelmente políticas, sustentando a inclinação pelo outro, a conexão com o outro, em algum momento, começaram a gerar resultados. A consequência é o que se constata agora.”

No Brasil

O Brasil parece acompanhar essa “tendência” mundial, dando mais espaço a autores negros nas editoras, eventos literários e premiações — no final de novembro, o mineiro Edimilson de Almeida Pereira venceu o Prêmio São Paulo de Literatura, que distribui a maior premiação em dinheiro no país (R\$ 200 mil). E há uma “vigilância” grande em relação a essas questões por parte dos próprios leitores, e não apenas de quem é parte do movimento negro.

“No Brasil o mercado, nos últimos cinco anos, vem ampliando a publicação da autoria negra, embora seja mais de escritores negros não brasileiros”, diz o editor Vagner Amaro. Para Paulo Scott, que também tocou na ferida de outra minoria marginalizada no país, a dos povos indígenas, em seu romance mais celebrado, *Habitante Irreal*, ainda falamos pouco sobre racismo na literatura ou fora dela, o que considera “vergonhoso”.

Ainda assim, ele vê com esperança o futuro de autores e da literatura negra no país. “O Brasil é um país negro e indígena”, diz. “Nossa elite branca, em setores do ambiente acadêmico inclusive, fez de tudo para eliminar a possibilidade desses protagonismos (negro, indígena e de outras origens), mas não conseguiu,

apesar de todo o seu egoísmo, de toda a sua violência opressora.”

Luiz Rebinski é jornalista e autor do romance *Um Pouco Mais ao Sul* (2016). Foi editor do **Cândido** entre 2011 e 2019 e atualmente é editor-assistente do jornal *Rascunho*.